

ÍNDICE

OS LUSÍADAS	4
1. O autor e a obra	4
1.1. Informações biobibliográficas	4
1.2. Obras publicadas	4
2. O contexto histórico da produção da obra	5
2.1. A situação política e económico-social	5
2.2. A situação cultural	5
3. A visão global da epopeia	7
3.1. Circunstâncias de produção e publicação	7
3.2. Natureza da obra	7
3.3. O valor do título	8
3.4. Fontes	9
3.5. A estrutura da obra	10
3.5.1. Estrutura externa	10
3.5.2. Estrutura interna	10
3.5.3. Resumos dos cantos	11
4. A mitificação do herói	17
5. Reflexões do poeta: críticas e conselhos aos portugueses	23
6. Alargamento cultural	27
7. Preparação para exame	28
MENSAGEM	35
1. O autor e a obra	35
2. O contexto sociocultural da produção da obra	36
3. A visão global da obra	38
3.1. Natureza	38
3.2. O valor do título	38
3.3. Estrutura e simbologia	39
4. Síntese dos poemas	44
5. Mitos	65
6. Alargamento cultural	68
7. Preparação para exame	69
RELAÇÃO INTERTEXTUAL <i>Os Lusíadas</i> / <i>Mensagem</i>	78
1. Diálogo <i>Os Lusíadas</i> / <i>Mensagem</i>	78
2. Quadro-síntese	80

OS LUSÍADAS

1. O autor e a obra

1.1. Informações biobibliográficas

Na vida de Luís Vaz de Camões, lenda e realidade confundem-se, pelo que há divergência de opiniões relativamente ao seu percurso de vida. Enunciaremos os principais aspetos que marcaram a sua vida como homem e como poeta:

- incerteza quanto à data e local de nascimento: 1524? 1525? Lisboa? Constança?;
- origem numa família da pequena nobreza, de ascendência galega: o apelido Camões foi usado pela primeira vez em Portugal pelo seu tri-savô Vasco Perez de Camões;
- provável formação académica em Coimbra, cidade em que o seu tio D. Bento de Camões exerceu as funções de prior-geral e cancelário da Universidade;
- atração pelo ambiente boémio da corte;
- instabilidade amorosa e carácter turbulento e brigão: esteve na prisão do Tronco de 1552 a 1553;
- vida errante: expedição militar ao Norte de África, o que lhe valeu a perda do olho direito; embarque para a Índia, em 1553; estadia em várias “partes da China”; passagem por Goa e Moçambique, onde terminou a redação de *Os Lusíadas*;
- regresso a Lisboa, em abril de 1570;
- rápida autorização para impressão e publicação de *Os Lusíadas*, o que acontece em julho de 1572, na tipografia de António Gonçalves;
- concessão da tença de 15000 reais brancos por D. Sebastião, paga irregularmente;
- morte a 10 de junho de 1580, sendo os seus últimos anos de vida marcados pela penúria e pelo desastre de Alcácer Quibir.

1.2. Obras publicadas

- *Os Lusíadas*, 1572: duas edições, das quais a verdadeira, a *princeps*, se distingue por apresentar na portada, ao alto, a cabeça do pelicano voltada para a esquerda do observador;
- *Auto dos Anfitriões*, *Auto de Filodemo*, 1587;
- *Rimas*, 1.^a edição publicada em 1595;
- *Cartas*, publicadas em 1598;
- *Auto de El-Rei Seleuco*, 1.^a edição publicada em 1645.

Nota: Todas as obras do autor, à exceção de *Os Lusíadas*, só foram publicadas após a sua morte.

2. O contexto histórico da produção da obra

O Portugal da segunda metade do século XVI está longe do apogeu do início do século. As riquezas oriundas das descobertas das terras de África, Ásia e Brasil deslumbraram excessivamente o país e a corte, mas rapidamente se dissiparam. A coroa não soube gerir de forma inteligente o manancial de riquezas chegadas a Portugal. Além disso, o abuso do poder, a exploração do povo e a avareza dos poderosos mergulharam o país numa grave crise económica, social e de valores.

2.1. A situação política e económico-social

- Progressiva decadência e início da ruína económica;
- perda da independência e do domínio e comércio marítimos, devido ao custo dos transportes, aos naufrágios e às despesas gerais civis e militares excessivas;
- crises agrícolas sucessivas, o que dificulta a condição de vida dos camponeses;
- endividamento externo e aumento do défice: aumento do desequilíbrio da balança comercial, devido ao aumento das importações;
- ostentação de luxo excessivo;
- aumento do número de servos e escravos, nomeadamente os oriundos da Índia, África e Brasil;
- monopólio da coroa e início do exercício do poder absoluto;
- corrupção e perda de valores morais;
- parasitismo da nobreza;
- crescente interferência do clero e implantação do Tribunal do Santo Ofício¹, em 1560.

2.2. A situação cultural

Contrastando com a decadência económica e social, a segunda metade do século XVI afirma-se talvez como a época mais brilhante da cultura e língua portuguesa. Os obstáculos que a Idade Média criara para o espírito e pensamento humanos foram progressivamente derrubados, dando origem a:

¹ **Tribunal do Santo Ofício ou Inquisição** – instituição judicial do papado criada no séc. XII para combater e punir as heresias, a bruxaria e as manifestações contrárias ao catolicismo. Em Portugal, esta instituição só é extinta em 1821, com as Cortes Constituintes.

4. Síntese dos poemas

Primeira Parte – BRASÃO

I – OS CAMPOS

O DOS CASTELOS

O primeiro poema de *Mensagem* apresenta Portugal como o “rosto” da Europa. O velho continente é descrito como uma imagem feminina:

- uma mulher deitada “*De Oriente a Ocidente*”;
- os seus cabelos fazem lembrar olhos gregos;
- os braços são identificados com a Itália e com a Inglaterra, (expressão das origens romanas e celtas na formação da identidade portuguesa) e este último braço, o da Inglaterra, apoia o rosto;
- o rosto é Portugal, que fita, “*com olhar esfíngico e fatal, / O Ocidente, futuro do passado*”;
- este olhar esfíngico, misterioso e enigmático, desvenda o futuro.

A simbologia do poema é bem clara. Numa Europa decadente – “*A Europa jaz*” – que vive das glórias do passado (as origens gregas, a expansão romana e o império colonial inglês), apenas Portugal, porque desempenha um papel messiânico, poderá fazer renascer o velho continente. Atente-se na expressividade do emprego do verbo *jazer*, que tanto pode significar estar morto ou apenas estar deitado, o que potencia a interpretação de que Portugal deverá recuperar o seu estatuto de potência civilizadora e fazer regressar a Europa à glória do passado. Esta é uma espécie de princesa adormecida à espera do beijo de um príncipe que a venha acordar, o próprio Portugal.

O DAS QUINAS

O poema inicia-se com um aparente paradoxo – *vender / dar* – que expressa o sacrifício dos mártires portugueses como forma de pagamento aos deuses pela dádiva da existência de Portugal. Assim, as ideias fulcrais do poema são:

- a grandeza só se atinge pelo sofrimento e sacrifício;
- o homem só se transcende através do sacrifício;
- a oposição entre as filosofias epicurista e estoica: a primeira presente nos versos “*Baste a quem baste o que lhe basta / O bastante de lhe bastar!*”; a segunda presente em “*Compra-se a glória com desgraça*”;

- a efemeridade da vida – “A vida é breve”;
- a purificação que faz o homem ascender a um plano superior, ou seja, realizar-se plenamente como Homem-Deus através do sacrifício, tal como Cristo.

A ideia central do poema, a de que só o sacrifício leva à glória, está sintetizada no título, se fizermos corresponder as cinco quinas às cinco chagas de Cristo.

II – OS CASTELOS

ULISSES¹

O poema organiza-se em torno das seguintes ideias:

- o paradoxo inicial (tese) “o mito é o nada que é tudo” é demonstrado ao longo do poema;
- o mito – a lenda – é o nada (não existe), mas, ao mesmo tempo, é tudo porque explica o real, fecundando-o: “Assim a lenda se escorre / A entrar na realidade, / E a fecundá-la decorre.”;
- a importância da referência a Ulisses:
 - Ulisses é um herói mítico – “Este, que aqui aportou, / Foi por não ser existindo.”;
 - a sua existência lendária não invalida a sua força criadora da identidade nacional – “Sem existir nos bastou. / Por não ter vindo foi vindo / E nos criou.”;
 - a sua ligação ao mar explica o destino marítimo dos portugueses.

A terceira estrofe, iniciada pela conjunção coordenativa conclusiva “assim”, sintetiza a tese inicial: com efeito, na terra – “Em baixo” – a vida real e objetiva – “metade / De nada” – apaga-se para que o mito se engrandeça e eternize.

Concluindo, Ulisses, que não é nada, porque é mito, explica o destino marítimo dos portugueses, que é tudo. É irrelevante que os heróis fundadores tenham ou não existência real, o que importa é que todos tenham funcionado com a força do mito, que, não existindo, é tudo.

¹ **Ulisses** – em grego *Odysseus*, herói lendário grego, celebrado por Homero na *Odisseia*. Teve um papel importante durante a guerra de Troia, revelando-se um homem lúcido e de “mil artimanhas”, como prova a sua invenção do famoso cavalo de Troia, que permitiu o assalto à cidade. Após a vitória em Troia e na viagem de regresso a Ítaca, Ulisses errou durante dez anos, tendo, segundo a lenda, fundado a cidade de Lisboa, em grego *Olissipo* (a que foi fundada por Ulisses).